

Postura de Indiferenciação: experiência de Haver e estatuto místico

Sonia Nassim¹

A psicanálise não se mede pelo conhecimento que traz,
e sim pela postura que põe no mundo.

(MAGNO, 2016: 163)

1. Introdução

Em 1912, Freud recomenda aos analistas o método da **atenção flutuante**, definindo assim uma *escuta sem resistências*, que não privilegia conteúdo² algum em particular, procurando tratá-los todos de forma equânime e neutra. Método “que consiste numa suspensão radical de tudo aquilo que focaliza habitualmente a atenção” (Laplanche e Pontalis, 1975: 74). Sem foco *a priori*, para além ou aquém do ego e de suas histórias, Freud também se refere ao Inconsciente como um plano indiferenciado primordial, sem tempo, espaço ou contradição. Com isto, pode-se supor, já está apontando não só para uma **neutralidade**, como também para uma suspensão da distinção entre sujeito e objeto, destacando assim uma forma

¹ Psicanalista (NovaMente/RJ).

² Conteúdo aqui designa tudo que é colocado pelo analisando ou o que quer que esteja sendo analisado; de falas a gestos, de significantes a significados, de poemas a políticas, de poderes a visões de mundo...

primeira de indistinção. Theodor Reik nomeou este procedimento de “ouvir com o terceiro ouvido” (Laplanche e Pontalis, 1982: 41).

O método da **atenção flutuante** prescrito por Freud para assegurar a eficácia da escuta analítica exigia uma potência bem mais ampla do que o mero foco consciente, uma vez que exortava à flutuação o que quer que fosse dito pelo analisando. Não era mistério para ele o reconhecimento de quanto é difícil obter uma escuta aberta, sem a “cera cultural”, viciada, que acostuma o ouvido a apenas prestar atenção àquilo que já conhece. Além do mais, Freud reconhecia que a atenção flutuante era fundamental para desviar o foco do recorte sintomático com o intuito de apontar sempre para mais além.

A tarefa de ir além coube à Nova Psicanálise que, ao postular o axioma fundamental como ALEI: **Haver desejo de Não-Haver**, extrapola as leis mundanas e jurídicas. A sacada de MD Magno ao propor uma Nova Psicanálise consiste em arrancar a psicanálise do jurídico, via tomada por Lacan, e devolver-lhe o *status* de algo inerente ao funcionamento mental, anterior às leis exaradas pela cultura. Por isso mesmo, a Nova Psicanálise concebida como o *retorno de Freud via Lacan*, recorre à Pulsão de Morte freudiana para constituir a ALEI: **Haver quer não-Haver**: uma máquina destrutiva e desalienante. Em última instância, este dispositivo faz Freud retornar e repensar tudo à luz do seu conceito de pulsão de morte.

Para a clínica em questão, temos a Pulsão como único conceito fundamental, a qual estimula a função produtiva. Para essa função comparecer, adota-se como referência o ápice da pulsão, ou seja, a **função do impossível como ponto de criação**. Ponto que

explicita nossa *condenação* a Haver, pois não há saída, não há morte, nem o não-Haver. Portanto, a constatação de que o que se deseja não há, comparece como *experiência*: a experiência de Haver.

Como veremos, a operação clínica de propiciar a anamnese da *experiência de Haver* é o que faz surgir o conceito de **postura**. Conceito que faz da atenção flutuante e da neutralidade do analista sua ferramenta *princeps* no exercício de suspensão e suspeição em relação às formações. Tanto a neutralidade quanto a atenção flutuante explicitam-se na *Postura do Analista*. Com o exercício de *Epoché* (*suspensão*) espera-se que haja *escuta*, *disponibilidade*, ou melhor recepção total, sem julgar, nem focar.

A Nova Psicanálise propõe uma abordagem postural condizente com sua política diferocrática, quer dizer, propõe a postura de **indiferenciação** para lidar com as diferenças. O aparelho sustenta que há no psiquismo uma região homogênea e neutra que deve ser acessada para o exercício da função analista. Assim, temos a política da instituição psicanalítica chamada **diferocracia: com-siderar as diferenças a partir da indiferença**. Uma postura referencial em relação às formações, que permite a suspensão radical de juízo em relação a todos os sintomas localizados; uma indiferenciação em relação a toda e qualquer formação sintomática; uma postura de reconsideração a cada caso. “O que só é possível numa funcionalidade *ad hoc* de cada situação, pelo menos como exercício para uma dissolução das forças ativadas por estas formações sintomáticas. Um exercício para ver se algum futuro comparece” (Magno, 2002: 177).

A postura de Indiferenciação, fruto incontestável da postulação d`ALEI, tal como concebida por este dispositivo, nada tem a ver com

desprezo. Muito ao contrário, invectiva uma plena atenção a tudo que ocorre *agoraqui*, incluindo seu avesso catóptrico³. MD Magno, desde *Pedagogia Freudiana*, insiste em que:

Indiferente de modo algum quer dizer desinteressante, insignificante ou desprezível. Muito pelo contrário, para o indiferente não há o que não seja interessante, significativa, precioso: o que quer que pinte é interessante, significativa e precioso, justo porque é indiferente (Magno, 1992: 224).

O processo de análise, além de contar com a **anamnese** da situação neutra e indiferente da Pessoa, faz dessa lembrança o pivô do exercício constante e infinito de atualizar a postura do analista. Movimento infinito, já que essa postura mental não é adquirida por um alguém para poder ser operada por ele, muito menos se impõe de maneira definitiva a um campo de situações, mas pode ser tomada como referência se houver exercício de posturação, ou seja, exercício de adotar essa postura de indiferenciação como referência diante do entendimento e da intervenção nas situações. Portanto, para Nova Psicanálise pensar em “processo de cura” é sustentar a indiferenciação diante de toda e qualquer emergência. “A postura inicial deve ser de absoluta indiferenciação: o campo tem que ser

³ Em *Clavis Universalis*, Magno sublinha as diferenças entre a reflexão psicanalítica e a meditação no Oriente. Afirma que, para a psicanálise, trata-se de um aquiagora que inclui toda e qualquer manifestação. Ela é reflexiva no sentido de não só incluir o agoraqui “interno” e “externo”, como ainda de, mediante a concepção do **Revirão**, suscitar o avesso de tudo com que se está convivendo. É aí que surge o neutro (Magno, 2005: 29).

neutro para a coisa poder falar. O sintoma não se diz direito se já estivermos dizendo o que ele é” (Magno, 2003: 282).

A postura de indiferença comparece “com Freud que ao inventar a psicanálise funda um terceiro lugar a partir do qual se olha não por cima, mas por **fora** dos outros dois” (Magno, 2003: 288). Estar fora das determinações culturais, segundo esse dispositivo, significa partir de um ponto terceiro que não é positivo nem negativo, mas sim, contém os dois e, por isso mesmo, é considerado **bífido** para esse aparelho. Quer dizer, o ponto terceiro é anterior e superior às oposições e deve ser adotado como referência na prática analítica. Este ponto expõe o bífido, o neutro, o homogêneo inscrito na estrutura do Haver garantindo a postura indiferenciante para além da heterogeneidade.

Como veremos, o bífido, o Um, um espaço onde os opostos coexistem sem exclusão, comparece quando a operação clínica desrecalca a região indiferenciante da mente que se impõe como experiência. Lacan, ao escrever **Amódio** (*hainamoration*), está falando desse terceiro ponto, unário e, no entanto, bífido, pois, quando partido, dará *amor* e *ódio*. Deste lugar, tornam-se indiferente, tanto um quanto o outro, já que, a prática clínica ativa a possibilidade de rememorar o ponto bífido e neutro que se manifesta como *experiência de Haver*. Uma experiência que desbloqueia o movimento pulsional diante das formações. Quer dizer, só se exerce a postura quando se está na referência à Indiferenciação, ou seja, quando se tem como referência o neutro, o bífido, a unilateralidade, a experiência de Haver inclusiva e afirmativa em relação a bilateralidade.

Diz Magno que “a psicanálise na sua intensidade não é senão produtora de analistas que nada tem a ver com profissão, mas sim, com a confissão de uma postura” (Magno, 1985: 148). Ele reitera a necessidade de reconhecer que há diferença entre discurso e postura, pois o discurso é sempre ideológico, já a postura escapa da ideologia. “Enquanto para Nietzsche a metafísica é valorização das oposições, para a Nova Psicanálise a ideologia passa a ser concebida como valorização das oposições” (Magno, 2006:18).

Importante ressaltar que ao repensar e refazer a psicanálise, Magno foi construindo um lugar teórico que lhe seria específico. Assim, nasce a terceira posição, nem grega nem chinesa, que supostamente daria conta do pensamento psicanalítico. Cabe à postura da função analista saltar fora tanto de uma quanto de outra, no entanto, por portar ambas as formas de pensar, tanto a grega quanto a chinesa, a Novamente com-sidera as diferenças com olhar indiferente. Para ela, “a psicanálise tem pensamento próprio, mas, praticamente não tem conteúdo próprio: ela fica colhendo conteúdo dos outros, pois é só uma posição” (Magno, 2003: 289).

A postura de Indiferenciação pode ser considerada a mola propulsora das operações analíticas. Uma postura concebida de modo genérico como arte, gesto, “ato poético” por excelência, pois permite perceber tudo como se fosse pela primeira vez e, seu exercício, estimula a capacidade de responder ao acaso com o máximo de artifício. Por outro lado, a concepção de postura intimamente relacionada ao artificialismo e à teoria das formações possibilita parar de pensar em termos anedóticos para investir na abstração. Além de responder pelo funcionamento do dispositivo, a postura comparece

quando a referência passa a ser o lugar passível de considerar a complexidade de cada formação e as transas que ocorrem entre elas. Sobretudo porque só através da postura torna-se possível manter o vigor e o rigor dos processos reflexivos sem se aprisionar a enunciados ou conclusões definitivas. **“A Indiferenciação é uma técnica, um exercício, uma ascese. É a técnica de como a coisa pode funcionar.** E como geralmente sou o mais incompetente possível, preciso zelar por isso” (2014: 338).

Claro que é impossível instalar a postura definitivamente, pois indiferenciação é processo, e estar em exercício de postura de indiferença é disponibilizar-se cada vez mais a acolher o que quer que seja. Como já foi dito, indiferença não é desprezo, e sim equiprobabilidade eventual e equivalência moral, ou seja, **hiperinteresse**. Além do mais, só a postura fornece a possibilidade de se aprofundar infinitamente na análise, à medida que “a profundidade e a unicidade importam mais do que a extensão e multiplicidade” (Magno, 2003: 193).

Não é sem propósito que a Nova Psicanálise estabelece que seu estatuto é místico, pois a busca das profundezas coincide com o que Freud disse sobre o misticismo. O aforismo de 22 de agosto de 1938, recolhido no interior do título *Achados, Ideias, Problemas*, diz: *Misticismo: a autopercepção obscura do reino, para além do ego, do id* (Freud, vol. XXIII, 1974, 1938: 336). Certamente, não há ninguém lá, no entanto, há possibilidade de ampliar o campo perceptivo e construir uma nova perspectiva que transforma o modo de ver as coisas, de ver o mundo e intervir nele. Freud em 1933, nas *Novas Conferencias Introdutórias*, diz: “Podemos imaginar que certas

práticas místicas tenham êxito em alterar as relações normais entre os setores da psique, de modo que a percepção, por exemplo, seja capaz de apreender coisas nas profundezas do Eu e do Id que lhe são inacessíveis de outra forma” (Freud 1933: 160). Segundo MD Magno, Freud levava a gente para um “Domínio fora do Eu, que chamou de Id. Em última instância, é alguma espécie de percepção da Absoluta Alteridade” (Magno, 2020: 547). Só daí é possível se dar conta do Inconsciente, sem recalque e no lugar terceiro e neutro.

De acordo com Assoun, no artigo *Freud e a Mística* (1980), a mística se apresenta como uma espécie de transgressão tópica, de ultrapassamento das fronteiras. Ela introduz o **movimento** no esquema tópico dinâmico no sentido de uma turbulência, modificando as relações existentes. Diz ele: “O aspecto mais audacioso do processo é a possibilidade de mergulhar nas profundezas do eu e do isso. A mística está no domínio da percepção, e sua singularidade consiste em lançar o olhar em direção a relações supostamente inacessíveis, desatar o nó das relações enterradas” (Assoun, 1980: 60).

Além de ir lá com a anamnese da experiência, passamos a estar no exercício de desemaranhar configurações sintomáticas. É preciso um salto, passar de uma perspectiva para outra. A mudança de postura pode ocorrer quando as associações que estamos habituados a fazer se perdem e estranham-se as palavras, figuras, pessoas, lugares, etc. Somente quando essas coisas deixam de ter uma fisionomia familiar nos é facultada a chance de reconectá-las a outros contextos, outros sentidos.

A questão da postura de indiferenciação dependente de dois fatores: o primeiro, anamnese da **experiência de Haver**, **experiência de indiferenciação**, já o segundo depende do **estatuto místico**. Tanto o estatuto místico quanto a experiência de Haver funcionam como trampolim para a aquisição da postura. A postura de indiferença é um conceito singular para a psicanálise e específico dessa reformatação. Entretanto, disponibilizá-la, depende de uma **experiência** e do entendimento do **lugar** que ela ocupa no aparelho. Só depois da Experiência, que exhibe o Inconsciente como unário e indiferenciado, anterior ao binário, torna-se possível recorrer à postura de indiferenciação, suspensão e suspeição para minimizar, e mesmo anular, o poder das formações e liberar sua dinâmica vetorial.

2. Experiência de Haver

Segundo a **Gnômica**, a teoria do conhecimento da Nova Psicanálise, na experiência de Haver como trauma radical, está dada a ideia de “saber absoluto”, causa e competência para o conhecimento. Rememorar a experiência originária que exhibe nossa condenação a simplesmente haver, em desamparo e solidão, passa a ser condição de produção de conhecimento. A “porrada” de simplesmente haver, quando rememorada, atualiza o campo do Haver para o devido processo de “estar no movimento de conhecer e não com o conhecimento” (Magno, 2001: 70).

A experiência de Haver expõe o fato bruto da pura e simples havência (presença) de cada um. Uma presença sem passado ou

futuro, que precede qualquer descrição sobre ela. O específico dessa experiência é reatualizar a sensação de estranheza e desamparo que todos experimentaram em algum momento. Entretanto, devido ao recalque, ela se manteve esquecida. Com ela, experimenta-se o não sentido, que, apesar de estranho, é criador. Passamos a vida tentando dar sentido a esse impacto excessivo e indiscernível do real, fracassando em configurá-lo definitivamente. Tendo firme em mente a exigência de sua **lembrança**, pois, para os operadores, a lembrança da experiência fundamenta a prática analítica.

O específico da Nova Psicanálise é, então, partir do trauma de Haver, “e não é o acontecimento que é traumático, mas sim, o trauma Há, e é ele que gera um acontecimento” (Magno, 2006: 107). O fato bruto de se dar conta de estar no mundo sem poder sair é traumático e como está indicado no próprio verbo Haver, não se trata de sujeito ou objeto, e sim da **presença à própria presença** (Magno, 2007: 129):

Haver é pura presença. Presente este sem lugar, sem passado ou futuro. O Ser, o mundo, é que tem passado e futuro. Quando se conjetura sobre essa presença, dolorosa ou jubilosa, começa-se a produzir temporalidade, discursividade, ainda de esse, de ser: o Haver se apresenta antes de mais nada e sem mais nada. Presença, nesta acepção, não se opõe a ausência. O presente sem ausência, portanto, é eterno, não tem temporalidade (2007: 172-173).

A possibilidade de produzir algo novo depende exclusivamente dessa experiência que exacerba o aspecto estrangeiro de todos nós. De fato, só o estranhamento é capaz de produzir mundo e transformá-lo,

já que estranhar quer dizer abertura, disponibilidade à HiperDeterminação, questionando toda e qualquer sobredeterminação. Na rememoração da experiência, atualiza-se, portanto, a condição de **estar presente**, disponível, para considerar as formações que comparecem aqui e agora. Trata-se de uma experiência **milénar** e curativa de afastamento das formações primárias e secundárias, em direção à formação originária, que é hierarquicamente superior às formações primárias e secundárias. Entretanto, só pode ser uma experiência de átimo, pois não há passagem para o outro lado.

Se por um lado, experiências descritas e analisáveis nos asseguram o sentimento de pertencer a um mundo organizado e fechado, por outro, a experiência de Haver é aberta e infinita. Soberana, esta experiência coloca à disposição a possibilidade de “saltar para fora do mundo”⁴, num raptó intuitivo e vertiginoso – experimentado por muitos matemáticos, lógicos, poetas, músicos, físicos, filósofos etc. – raptó inefável, silencioso e místico. Experiência que foi tão bem descrita ou decantada por muitos pensadores antigos. Uma experiência que ocorre na própria imanência, no entanto, movida por uma transcendência que não há de fato, mas que, por ser desejada, sonhada, alucinada, manifesta-se como um empuxo transcendental que tem o poder de subverter a suposta ordem que constitui a imanência. Enfim, é possível admitir que aquilo que vincula esta nossa espécie é a susceptibilidade à experiência de Haver.

⁴ Ressalte-se o caráter ambíguo desta experiência que aponta para um fora do mundo a partir da própria imanência desta experiência. Ou seja, é uma experiência de saltar para um fora do mundo que não há.

“É desta experiência, e só dela, e só a partir dela que é possível alguma lucidez” (Magno, 2003: 148).

Uma experiência definida como o pathos da psicanálise. O termo *Pathos* – em latim: *passio/passione*, donde *paixão* – também pode ser traduzido por *experiência* e está associado à noção de *afecção*, ou seja, a algo que ocorre ou que “ocorre para algo ou alguém”, um acontecimento, “algo de que se sofre”, e não uma ação ou atividade. O impacto puro e simples de **Haver**: a rememoração e o reconhecimento disso, que consiste num fato bruto sem antecedentes, conduz a uma pragmática inclusiva e revirante. Logo, para o exercício da função analítica, é preciso rememorar a experiência de Haver que possibilita despertar a postura de **Indiferenciação**.

Aquilo que é o mais difícil e aquilo que, aqui por exemplo entre nós mais se recusa a cumprir: é sair da estrutura meramente intelectual e partir para a **experiência psíquica**. Sim, porque ela deixa a gente sem chão. A força da análise é tirar o seu chão. Quando tira o seu chão, você só tem uma saída, é voar, o pessoal tem medo de voar. Uma postura de me referir à minha experiência de não fundamentação. Essa é a postura necessária. Ele sabe que está sentado nas nuvens. Se pensamos na fragilidade, estamos disponíveis. Se pensamos numa força, estamos presos (Magno, 2009: 169).

O encaminhamento para esta experiência é o projeto de cura para a clínica da Nova Psicanálise. Um de seus méritos está em tornar genérica a **experiência de Haver** como pivô não só dos movimentos pulsionais, como da **postura** analítica. Parte-se da

experiência de Haver e isto significa que a frequência da postura depende de alcançar o lugar que responde pela inclusão da transcendência na imanência. Experiência que já tivemos em algum momento e que, no entanto, manteve-se esquecida. Cabe à psicanálise ativá-la novamente.

Em última instância, a postura é inseparável da noção de experiência, pois suspende qualquer noção de ponto de vista e é condizente com a técnica freudiana de atenção flutuante: uma instância de neutralidade aplicada à escuta analítica, uma escuta em vazio, uma neutralidade do analista sem o que qualquer coisa que escutemos já é contraponto ao que temos em mente. Uma postura de lucidez, precisão, distância e serenidade que conduz o analista, ou melhor, a formação analista, a pensar para além dos cálculos ou das sobredeterminações e ter como referência a HiperDeterminação. Logo, experimentar, rememorar a experiência nos dá a chance de estar no exercício de postura de indiferenciação para considerar o que quer que seja com suspeição e suspensão. Quando rememoramos a experiência de Haver passamos a entender a anterioridade lógica do caos sobre a ordem; do Haver sobre o Ser; da Indiferença sobre as diferenças. Quer dizer, há anterioridade do Inconsciente sobre o consciente, e isso faz toda a diferença. Haver é irreversível, único e singular: estar aí, estar presente, lugar da identidade, da singularidade, e não das identificações. Lugar do não ser, impessoal, suspensivo de toda e qualquer personalidade. Lugar onde há a possibilidade de destacar a formação analista, a única formação apta a analisar.

A Nova Psicanálise ciente da importância de não se referenciar ao mundo, mas a um para além dele, recorre ao Haver, que, apesar de imanente, aponta para uma transcendência que não há de fato, mas pode ser experimentada. Só depois de rememorar o impacto de simplesmente Haver torna-se possível frequentar a postura do analista como indiferenciante. A funcionalidade da psicanálise é, portanto, produzir, fazer exercícios de suspensão e de suspeição, enfim, de indiferenciação, pois sua referência é o Haver.

Essa experiência sempre existiu desde a pré-história. Ou melhor, se lá não existisse, não haveria história. E tudo isso é culpa do velho Revirão. Como gente não tem a mesma estabilidade que animais têm, começa a inventar besteira, começa a requisitar. E quanto mais se requisita, mais perto do fim se chega. Do fim, em todos os sentidos. É, aliás, uma pena que registros da existência de espécies paralelas à nossa tenha desaparecido (Magno, 2019: 296).

Para exemplificar, MD Magno, cita Cézanne e credita à sua pintura uma boa lição sobre o lugar do analista, descrevendo o olhar do pintor como um olhar que atravessa, que está para além do que ele quer pintar, um olhar desfocado, próximo de uma operação franjal. Trata-se de um olhar aberto, que pulveriza, fragmenta e se dispersa, afastando-se do sentido dado. Algo que, para ele, se articula com a escuta do analista que, como já foi dito por Freud, só se sustenta enquanto flutuante. Em 2015, Magno esclarece: “ouvir não é escutar, assim como, ver não é olhar”, pois, como já dissera em 1983: “para ver é preciso olhar, e ao mesmo tempo, o olhar atrapalha todo o ver” (Magno, 1983: 228). E em 2009, em *Clownagens*, insiste em descrever a postura adequada para realizar-se o trabalho com as

formações compatível com o modo de olhar de Cézanne.

Se nos indiferenciamos diante delas – e, às vezes, é preciso até certo desprezo –, as formações se dizem, falam, brotam e se expõem. O difícil é constituir um olhar suficientemente neutro para ver o que está acontecendo. Se já viermos com o olhar pronto, nada veremos. O difícil é produzir esta formação, depois teoriza-se como processo de entendimento do conhecimento. (...) Isto porque, se não podemos ser ignorantes, tampouco podemos produzir o olhar, melhor dizendo, o ver (Magno, 2009: 82/83).

3. Qual é o lugar da postura de indiferença?

A Nova Psicanálise rearticula o que já foi colocado anteriormente e aposta única e exclusivamente na Pulsão enquanto conceito fundamental. Sob a égide da pulsão, a nova reformatação amplia a noção de Inconsciente que passa a abranger “tudo que há”. Como a Nova Psicanálise não trabalha com as categorias de sujeito ou de objeto, e sim com formações que transam, suas operações partem de um lugar que exige uma torção na mente. Lugar este que privilegia a aleatoriedade, a perplexidade, a exceção: a **unilateralidade** que, para este dispositivo, é hierarquicamente superior à **bilateralidade**.

Pensar o mundo a partir do excepcional e não a partir do comum permite que o campo do Haver seja radicalmente inclusivo e aberto. E isto se deve a constituição da Alei: Haver quer não-Haver, que afirma que só há o Haver enquanto Um, pois o não-Haver não há. Alei garante saltar fora do **binário** do mundo para se posturar na indiferença entre oposições, no **unário e bífido** que comparece

diante do fato inarredável da não havência do não-Haver. A pretensão é, pois, de construir um campo unificado que coloque um cume de visão de onde cabe reconhecer que, no **Haver**, tudo é conectável.

Para sustentar a indiferenciação, o aparelho disponibiliza um “Vínculo Absoluto” como um lugar onde se estabelece a **Identidade** de cada IdioFormação, sua singularidade ou havência. O interesse da Nova Psicanálise em propor a postura de indiferenciação está em poder **com-siderar** as diferenças, e não apenas acolhê-las, tal como sugerem os autores das filosofias das diferenças. Logo, temos a indiferenciação como geratriz das diferenças, quer dizer, respeito absoluto por cada um, com o reconhecimento da diferença específica. Trata-se aí da política do singular, ou seja, da Diferocracia, que segundo Magno, é a ideologia da Identidade de todos num Vínculo Absoluto.

A postura de indiferenciação resulta do entendimento da máquina pulsional que rege este aparelho e funciona a partir do reconhecimento de que não há saída, de que se está diante de uma “parede sem porta”, onde tudo se indiferencia. Sem a concepção de sujeito, o que temos é o *Lugar*, onde se experimenta uma impessoalidade indiferente ou uma despersonalização. Aí há Eu Real, também denominado a “havência” de cada um, totalmente despossuída das atribuições mundanas, tão bem descrita por Fernando Pessoa: “Cheguei hoje, de repente, a uma sensação absurda e justa. Reparei, num relâmpago íntimo, que não sou ninguém. Ninguém, absolutamente ninguém”. Se, para o poeta, é preciso reconhecer-se como *ninguém* para poder dizer os afetos sem afetação, para a Nova Psicanálise, enquanto aparelho específico de Formação

de analistas, só a experiência desse lugar de despersonalização, como puro Haver, permite saltar fora e posturar-se na indiferença entre as oposições. E ter essa experiência é poder dizer ainda com Fernando Pessoa: “Sou apenas o lugar, onde se sente ou se pensa”.

A Homologia ou isomorfismo entre o Haver e nossa mente estabelece uma relação de equivalência estrutural que redundando em identidade de operação, ou seja, em **Revirão**. Na verdade, a ferramenta adequada para lidar com o Haver chama-se: Revirão, que desenha o movimento pulsional, suspende recalques e expõe a região indiferenciante da mente como unilateralidade. Trata-se de uma lógica psicanalítica que parte da Indiferença como unilateralidade para o acolhimento das diferenças. Não se opera com a diferença como princípio, mas sim com este plano caótico, irregular, não linear e conectivo, que inclui tudo indiferentemente.

Repetindo, trata-se de uma produção hiperdeterminada que suspende e questiona as sobredeterminações, efeito do axioma básico: Haver quer não-Haver. O que comparece é o Revirão reconhecido como estrutura e modo de operação de mente e mundo e, portanto, pode ser assim tomado como **Chave Universal**. Chave mínima e simples com o potencial de “arrasar” qualquer tábula e produzir indiferenciação. “Revirão como sendo aquilo que constitui o polo do campo chamado psicanalítico” (Magno, 1996: 100). O Terceiro há, é o próprio Revirão enquanto um Ponto Bífido, neutro, que provoca reviramentos e gera enorme complexidade já que sua progressão é exponencial.

O Revirão, “máquina” do funcionamento do Haver e do psiquismo, garante uma mente sem sujeito, conhecimento sem

autoria, responsabilidade sem imputabilidade. Uma mente constituída em rede, pura conexão disponível para acolher qualquer evento e administrá-lo, sem indicação prévia de imperativo algum quanto aos comportamentos. Uma Nova Razão – que faz do Revirão, o operador analítico por excelência –, á qual estamos referenciados. A postura exigida pela Clínica da Nova Psicanálise decorre desta premissa de base: tanto o Haver quanto o psiquismo funcionam em Revirão. Com efeito, a lógica da cura psicanalítica consiste em submeter tudo que há a essa ferramenta, substituta radical de uma mente sem sujeito.

Desenhar o Inconsciente pulsional em Revirão e legar supremacia à unilateralidade é manter-se fiel às leis da lógica do Inconsciente freudiano sem tempo, morte, negação ou contradição. Por isso, o reconhecimento aristocrático e superior da **unilateralidade** da pulsão constitui a própria essência do Revirão. Em outras palavras, o Revirão indica que há uma inarredável imposição permanente de avessamento no psiquismo que depende da **unilateralidade** de nossa estrutura mental de última instância, isto é, só tem um lado. Só há o Haver, pois, o não-Haver não há.

Ao contrário de Lacan, que definiu o Inconsciente “estruturado como uma linguagem”, MD Magno concebe o Inconsciente em Revirão e, portanto, “estruturado como a gente o engaja”. O autor acrescenta: “na medida em que ele é puramente a estrutura absolutamente neutra, indiferente aos processos sintomáticos” (Magno, 1990: 7). Ou seja, puro movimento pulsional em Revirão. Importante perceber que houve um deslocamento da narrativa para outra perspectiva de conceber os movimentos da mente. Portanto, se

há Revirão, o que quer que se coloque é válido porque, em algum lugar, por alguma ordem recalcante, está denegado. Enfim, o objetivo do processo analítico consiste na aplicação do Revirão com certo rigor lógico.

A prática analítica implica disponibilizar o Revirão: atualizar e rememorar a experiência do impossível, uma experiência traumática, como condição de possibilidade de exercitar a reversão ou reflexão. Desse modo, leia-se ‘disponibilizar ao Revirão’ como rememorar “o lugar onde os extremos, digamos, as oposições se indiferenciam” lugar da postura de Indiferença. Lugar sempre invocado e indicado de algum modo através dos pensamentos ocidental e oriental” (Magno, 1996: 92).

A Nova Psicanálise associa cura psicanalítica com produção perene de *soberania*, construindo um lugar que inspira o exercício de seu atingimento. Lugar bífido, neutro e unilátero. Lugar que é atualizado na experiência de Haver, que lembra a *geometria do abismo* de Fernando Pessoa⁵. Lugar onde é possível escapar da alienação. Seria o caso de insistir e perguntar: como referenciar-se ao lugar do Um e viver na multiplicidade, nas diferenças, lembrando de que há Um? Como considerar as formações a partir do Um?

Não seria possível outro lugar para com-siderar formações, além de se colocar fora da maranha (lugar das diferenças), no lugar do neutro, do Um. Longe dos conteúdos e significações, enfatizando uma separação radical do mundo, inclusive do que podemos chamar nossos sintomas. Por isso. trata-se de um aparelho de conhecimento

⁵ Livro do Dessassossego, 1982: 30.

referido à HiperDeterminação. Diante do Um, as formações se equivalem, perdem o valor. “A experiência disto é que é o essencial da produção de um analista – o que é raro. Em meu trabalho, trata-se de fazer uma reforma do entendimento. Isto de maneira a que possamos ter um aparelho mínimo, não só de Produção do Analista como de seu Reconhecimento” (Magno, 2001: 609). É preciso manter em mente a lembrança da experiência de Haver.

A operatividade do Revirão consiste em provocar disjunção, desde que entendamos que usar a ferramenta Revirão seria o mesmo que evocar experiência bruta de Haver. Rememorá-la seria da mesma ordem que usar o mecanismo de reviramento ou, se preferirem, acionar a máquina de avessamento para o deslocamento das formações sintomáticas. Por isso, é preciso estar sempre suspeitando do e suspendendo o poder das formações. Estar em Formação analítica é estar em exercício de postura de indiferenciação – é o mesmo lugar da antena. “A antena é indiferente. O que passar, ela vai captar... ou não. Então, podemos forçar o surgimento de antenas. É só. A formação do analista seria a formação dessa disponibilidade – e depois a gente vê o que acontece” (Magno, 1996: 408). Logo, a aposta no monismo pulsional enfatiza uma clínica basicamente processual cujo alvo é rememorar aquilo que afeta primordialmente: uma experiência traumática que provoca perplexidade e estranheza: Experiência de Haver.

O engajamento de uma pessoa nesse modo de produção requer uma observação contínua da sua própria posição, de suas operações, a partir do ponto de vista de um mínimo de posicionamento teórico e doutrinário, no sentido da prática,

a respeito do que isso possa ser. As coisas ficam difíceis no limite, ainda que máximo, dessas inter-relações, na medida em que o analista opera no interior do próprio campo em que está mergulhado, na própria atmosfera de sua respiração. Sua posição é algo surrealista: como a do cirurgião que operasse uma cirurgia em si mesmo, no seu próprio corpo. Isso é cheio de nuvens. Se não houver uma postura rigorosa de constância na referência a um, pelo menos suposto, ponto nessa atuação, as coisas recaem facilmente na geleia geral da vida cotidiana, são facilmente fagocitadas pelo etológico mais banal (Magno, 1991: 156).

Enfim, diante dessa perspectiva, pode-se dizer que o ato analítico equivale aos efeitos da indiferenciação poética que investem na incessante metamorfose das formações, inclusive as próprias. É salutar, portanto, equivocarse as expectativas e demolir o orgulho, mas isto não é tão simples quanto parece à primeira vista, pois é difícil compreender a falta de fundamento de nossas convicções. Com efeito, nossas convicções se assentam sobre nossos narizes como um par de óculos e o que vemos, vemos através deles, e não nos ocorre tirá-los. Assim, podemos dizer que o ato analítico é o gesto de “tirar óculos”. Destruir ídolos e não criar novos para que se possa ver as coisas como se fosse pela primeira vez. Fazer lembrar o ato poético de construção de analogias de formações, ou melhor, reatualizá-lo, simulá-lo, eis o que também pode expressar um gesto analítico, isto é, simultaneamente o ato poético e a obra de arte. Cabe insistir: é preciso afastar-se das oposições para estar na **postura do analista**, que é compatível com a possibilidade da HiperDeterminação. A postura é: recepção total. Técnicas, temos

muitas. Se a psicanálise é um campo de receptividade plena, podemos usar técnicas de qualquer saber. Metemos a mão e tratamos todos os saberes como ferramentas disponíveis. Nem por isso deixando de ter sintoma próprio. Acolhemos todos os saberes para nosso uso, mas dentro dos princípios que nos são próprios (Magno, 2006: 15).

A abrangência da Nova Psicanálise em relação aos dispositivos de Freud e Lacan se deve principalmente a seu caráter indiferenciante e inclusivo que encontra no conceito de Clínica Geral seu ponto de sustentação. O projeto de uma *Clínica Geral* aponta para uma radical mudança de perspectiva na maneira de conceituar a clínica psicanalítica e descrever seus movimentos. Ela diz respeito a toda e qualquer intervenção que tenha como referência a *postura de Indiferenciação*. Aplicável de modo genérico a todas as formações e configurações sintomáticas, do individual ao coletivo, de fatos políticos, sócio-culturais, teóricos e tecno-científicos. Uma operação que parte do excepcional, do desconhecido, do lugar de Indiferenciação para o exercício de considerar plenamente as formações. Sobretudo porque soltar as amarras do recalque e liberar-se do poder hegemônico das formações recalcentes é praticar a Clínica Geral. Nesse sentido de ampliação da Clínica, a psicanálise pode e é recomendável que faça, dada a petrificação sintomática dos conceitos psicanalíticos, a análise da própria doença psicanalítica. A identificação e a crítica dessa sintomática ocorreu de forma inequívoca pela Nova Psicanálise, pois de acordo com Magno “a psicanálise não sobrevive sem análise perene de sua própria

existência, para minimizar a neurose de base sobre a qual foi constituída” (Magno, 1996: 30).

A postura elevada à categoria de conceito, específico da Nova Psicanálise, amplia consideravelmente a funcionalidade do aparelho. Transforma o lugar terceiro em **operador** do processo, à medida que é daí que se parte, quer dizer, a operação da formação analista funciona a partir do neutro e indiferente, do ponto de não encontro. Segundo o dispositivo da Nova Psicanálise, parte-se do lugar onde pode haver com-sideração indiferente.

As dicotomias como herança da prisão representacionista são relegadas a segundo plano com a inclusão e a primazia do Terceiro enquanto Um. Com isso, há uma inversão postural: parte-se do Inconsciente, do Um, que se polariza no choque com o binário; pois, como já foi dito, o unário costuma dividir-se em dois. Portanto, o específico deste aparelho é não pensar a partir das oposições, e sim do Um, do Haver, lugar hierarquicamente superior às formações sobredeterminadas. De acordo com o dispositivo aqui desenhado, trata-se de um lugar concebido para além das sobredeterminações, quer dizer, um lugar Hiperdeterminado.

Só-depois da rememoração e da instalação da indiferenciação é possível o trato da diferença. A função analista opera do lugar de Vínculo Absoluto para **com-siderar** as transas entre as formações que surgem tanto do lado do analisando quanto do analista. Trata-se de um lugar que só é possível estar, sem nenhum sujeito, lugar de pura com-sideração, pois, para o autor a “com-sideração é que ‘Me’ é” (Magno, 2000: 116). Ou seja, propõe que “cada um, no trato com o mundo e com as coisas faça o exercício de transportar sua mente da

ideia de subjetividade para a de com-sideração. Percebam que isto até pode dar uma pequena vertigem inicialmente” (Magno, 2000: 116).

As formações do Haver são com-sideradas, elas sideram uma às outras. Com-siderar as formações não implica um Eu considerar alguma outra coisa, e sim a com-sideração mútua, ou seja, os dois siderando juntos. Segundo Magno, “se Eu é um conjunto enorme de formações, Eu e nada são a mesma coisa” (Magno, 1999: 166). Além do mais, para entrar no processo de com-sideração é preciso ter a lembrança da Hiperdeterminação, da experiência de Haver.

O que importa dizer de momento é: conhecer não é ato de um sujeito. É incluir-**se** essa com-sideração como formação nova disponível. Isso **se** inclui. Ficamos com a impressão de que somos nós porque as coisas estão organizadas assim. Há até mercado e valor de direito autoral para reforçar nossa crença de que temos o conhecimento, incluímos, datamos, etc. Com verdade aliás, pois determinado pensador, cientista, descobriu tal coisa e datamos como significado e como Gnomo aparente aquilo que se nos deu. Foi ali, sim, que aquilo aconteceu e não em outro lugar. Mas, por exemplo, não datamos as antenas de televisão (Magno, 2000: 70).

O que acontece de fato é que há interação, sideração e não modificação do observado pelo observante. As formações se assediam, na consideração há formações que são mais adequadas no sentido da eficácia do que outras. Formações mais eficazes em comover, mover junto, a outra. Em 2007, em *A Rebelião dos Anjos*, diz Magno que “o trabalho do Inconsciente é o que podemos chamar Sinergia das formações: trabalho conjunto ou também ação,

produção, execução, exercício conjunto” (Magno, 2007: 147). Sem sujeito algum para comandá-lo. Com esse estado de espírito, nessa com-sideração, posso perfeitamente me dar conta de que o que quer que se coloque é da ordem do conhecimento. Resta saber qual, onde, como, que tipo de formação, sidera com as outras.

Segundo o autor: “Frequentar o lugar da unilateralidade requisita um novo modo de percepção que não separa mais o observador e o observado, o poeta e o leitor, o pensamento e o pensador, tão bem desenhado por Escher, onde o pensador é o pensamento. Esta é outra postura e modifica a compreensão do que está sendo com- siderado em análise” (Magno, 2004: 102-103). Portanto, na clínica, abordar o Inconsciente com a Teoria das formações requer uma radical mudança de postura que comparece como suspensão, suspeição, equivocação e indiferenciação.

Além disso, como não há consideração de um design prévio sobre as formações, pois tudo depende das transas entre elas, logo, o que é proposto é uma postura descritiva e não prescritiva. A cada caso procura-se entender as formações que estão ali, resultantes da transa entre o *lado de lá* com o *lado de cá*, e só assim podemos manejá-las no *aqui e agora* de seu comparecimento. Com isso, o conceito de **analysis** deve ser entendido a partir da Teoria das Formações que resitua seu campo de aplicação com a operação que incide sobre as formações. Logo, não se trata de analisar sujeitos ou indivíduos, e sim reconhecer que estamos diante de “**formações que produzem as formações que as produzem**”. Trata-se de um dispositivo que, quando em funcionamento, estimula os aspectos abstrativos e progressivos da mente.

4. O Estatuto Místico

E quando suponho que ALEI assim escrita é o fundamento desta psicanálise, não posso deixar de reconhecer que o único ato que foi posto, desde sempre na história conhecida do mundo, compatível com essa

ALEI é o ato místico: o ato de indiferenciar.

MAGNO, 2001: 582

A concepção de Postura está na base de toda operação, intervenção ou ato que se possa nomear de analítico. Sua presença e esclarecimento advêm dos fundamentos e princípios que organizam a Clínica da Nova Psicanálise, a saber, seu **axioma**, seu **paradigma** e seu **estatuto**. Entretanto, a postura analítica, tal como concebida pela Nova Psicanálise, tem sua emergência basicamente do estatuto místico. Magno reconhece no afastamento do mundo, característica dos místicos, uma postura que, por ser “uma especificidade mental”, torna-se receptiva a toda e qualquer diferença. Trata-se de se distanciar do mundo e destacar a singularidade de cada um (indiferente às configurações) para a consideração de todas as diferenças ou para com-siderar formações. Desse lugar a Pessoa simplesmente **Há** sem nenhum **Ser**. Estar no lugar de Haver, afastado do Ser, entender a diferença radical entre Haver e Ser, constitui o cerne da prática analítica, pois, estar no Haver, estar suspenso, significa afastamento das configurações, na

homogeneidade.

Em *Pedagogia Freudiana*, 1992, o estatuto da Psicanálise torna-se místico, e não mais ético como queria Lacan. Enquanto a especificidade mística possibilita o exercício de afastamento das formações, a ética sugere o comportamento necessário para chegar aonde o estatuto indica: a última instância do psiquismo. Se o procedimento místico funciona como uma tentativa de ir ao ápice do psiquismo, temos que convir que o procedimento analítico funciona da mesma maneira: ambos se afastam do mundo. Enquanto a mística busca a aproximação com Deus, a psicanálise busca a anamnese da experiência de Haver e seus efeitos revirantes.

A ética da psicanálise encaminha o processo para rememorar a experiência de Haver, rememorar o **Um** radical, absoluto, solitário e indiferente diante do desejado não-Haver. Enquanto na mística o movimento de tentar ultrapassar a imanência se depara com a experiência mística, na psicanálise há o desrecalque da experiência de Haver. Apesar de serem experiências com propósitos diferentes, ambas desembocam lá, no extremo, no lugar da perene produção da *experiência referencial que indiferencia o mundo a ponto de transformá-lo*. Para pulverizar ou lidar analiticamente com formações, a lembrança do Um torna-se indispensável.

Assim, de acordo com seu estatuto místico – indicador de que a referência para ela não é o mundo, mas, sim o afastamento dele –, a Psicanálise difere da vertente psicológica. Na verdade, a proposição de um estatuto místico afasta a psicanálise de uma leitura antropológica ou humanista devolvendo-lhe aquilo que é essencial, ao mesmo tempo abismo e fundamento. Um fundamento vazio e criador

compatível com a neutralidade do analista sugerida por Freud. Além disso, exhibe para cada um o lugar adequado para empreendermos o processo analítico. “Digo metaforicamente que o estatuto da psicanálise é místico porque o que garante o funcionamento de uma análise é afastar-se do Mundo e recolher-se ao Haver” (Magno, 2007: 55).

A experiência de Haver, que se obtém pelo gesto de afastamento do mundo, tão comum aos místicos, expressa a operação mental que caracteriza a pulsão: **uma transcendência na imanência**. Não há transcendente, não há morte, nada fora do Haver, mas sim um empuxo transcendental que se traduz numa imanência defastável. Magno reafirma a força pulsional encarecendo a postura de suspensão dos recalques e suspeição em relação às formações. O que significa que: “pode-se estranhar todas as formações, inclusive e principalmente as que frequentamos com assiduidade e automaticamente, pois é preciso estar no exercício sistemático de suspeitar das crenças e da suspensão dos recalques, em direção à indiferenciação”. Esta experiência revisitada testemunha a capacidade mental de dar um salto reflexivo e vivenciar um “estar fora”, radicalmente operacional. Só assim pode-se operar para além dos conteúdos e estar no exercício da postura de indiferenciação.

Do fundamento místico da psicanálise resulta uma pragmática que, esta sim, é sua ética. Pragmática que decorre da experiência de Haver no retorno ao mundo e às suas contingências. **Haver** sem mundo e, portanto, sem **Ser**: causador do mundo. A exploração e a constituição do mundo, no sentido psicanalítico, dependem exclusivamente do encaminhamento para rememorar aquilo que o

causa. A Experiência de Haver, enquanto causa e referência do processo, indiferencia o mundo para deixar emergir as diferenças, que se manifestam como formações. Condição de possibilidade de lidar com as formações pragmaticamente, que são da ordem do Ser.

Ao sustentar que o estatuto da psicanálise é místico, no sentido de que a essencialidade do místico é o afastamento do Mundo, Magno recorre a Wittgenstein que diz: “Não é *como* o mundo é que é o elemento místico, mas que ele *é*”. Ele está, em meus termos, querendo falar de: *Há!* Este é o elemento místico: Haver pura e simplesmente, sem falação. O que chama de místico, desde o *Tractatus*, é a impossibilidade de dizer o radical, o essencial. “É o que digo quanto à impossibilidade de dizer o Haver: o Haver causa todas as expressões, mas não é exprimível” (Magno, 2009: 180).

Em 2019, Magno afirma que “são os místicos que provam que o lugar analítico é possível já que é ele, o místico, que faz um esforço de se retirar dos conteúdos e de os retomar de maneira cada vez mais abstrata – até sumirem” (Magno, 2019: 285). Da mesma maneira, a proposta clínica deste aparelho consiste em encaminhar o analisando ao lugar de simplesmente Haver, que é o lugar da suspensão das inscrições ou conteúdos, ou seja, suspensão das formações que são da ordem do Ser. “Lugar do analista é o vazio, uma efetiva porrada, que degringola tudo a ponto de o analisando – e justo aquele que pensa que entende o que é psicanálise – achar um absurdo” (Magno, 1990: 59).

Para sustentar essa afirmação e sair do eclesiástico vamos recorrer ao conceito de **Arreligião** introduzido em 1986, em *O Sexo dos Anjos*. Já aí o autor contrapõe, juntamente com Freud, psicanálise

e religião. Segundo Lacan, a religião sempre vence, devido ao poder de convencimento e domínio que exerce. Claro que o domínio, a dominação mental é muito mais bem aceita do que a exigência de entendimento trazida pela psicanálise.

Arreligião já nos serve de esclarecimento indicando simultaneamente *A* religião propriamente dita, com artigo definido, abstrata, única e sem predicação, e *Arreligião* com prefixo de negação, explicitando um movimento de desconfiguração doutrinária. Justifica-se o duplo sentido embutido no título uma vez que todos os saberes e práticas têm base teológica e vocação religiosa. Todos supõem, portanto, um lugar de referência suprema e o reconhecimento disto é a condição de possibilidade para que este lugar possa ser sustentado **vazio** para vir a ser ocupado com algum ato criativo. E neste ponto a psicanálise traz algo de fato novo: exercitar a suspensão de todo e qualquer conteúdo, uma vez que narrativa alguma, seja da ordem do *mito* ou do *logos*, é em si legítima para ocupar o ponto privilegiado de baliza da vocação religiosa. À tese de que o Inconsciente é religioso acrescenta-se, portanto, o trabalho de desmontagem ou desconfiguração de qualquer “liturgia religiosa”, individual ou coletiva, como eixo fundamental da postura analítica. Sempre lembrando que o Inconsciente é o lugar da pura articulação sem sujeito nem objeto, que comparece como experiência.

Portanto, a psicanálise comparece como esclarecimento chamada Arreligião. **Arreligião** no sentido de sua evitação de se deixar constituir como aparelho religioso, quanto no sentido de sua vontade de substituir, na vocação religiosa do Inconsciente os demais aparelhos religiosos. *Arreligiosa: ou seja, uma afirmação no sentido*

mais abstrato do termo e ao mesmo tempo uma negação dos seus dogmas e doutrinas.

Portanto, a trans-formação de Religião em Arreligião é, em última instância, a transformação de todas as leituras conteudísticas em definitiva Re-leitura (*relegere*) e Re-ligação ou Re-vinculação (*religare*). Re-leitura e Re-vinculação das IdioFormações: toda essa falação durante este ano foi para chegar finalmente a isto. E é o que temos que entender. O que a psicanálise pode efetivar é um trabalho de faxina, de limpeza dos conteúdos, de maneira que se possa aproveitar plenamente a base estrutural (Magno, 2002: 233).

O estatuto místico diz respeito ao *religare*: *ligar de novo*, o exercício para Deus, para a última instância do psiquismo, seja como *ápice*, ou seja, como *fundo*. Operação que se distancia radicalmente da religião e da igreja. Se nas religiões colocam Deus como transcendente, para o místico Mestre Eckhart **é possível** experimentar a transcendência na própria imanência. Mestre Eckhart um místico cristão intelectualizado é um excelente exemplo da tentativa rigorosa da ultrapassagem que caracteriza os místicos. A forma como descreve o encontro com o Absoluto, ou seja, o lugar de Deus, exige o desapego radical do mundo. Segundo o místico, para atingir o lugar onde Eu e Deus somos um, é preciso ir lá no fundo sem fundo do abismo.

Meu maior apoio para dizer que o estatuto do Inconsciente é místico é no sentido do que Freud chamou de neutralidade do analista. O melhor exemplo para mim é um místico intelectualizado e teórico: **Mestre Eckhart**. Digo isto por supor que *Eckhart é o precursor da teorização sobre o*

Inconsciente. A Igreja é dogmática, não é mística (Magno, 2020: 428).

Mestre Eckhart exibe o caminho para se alcançar o lugar do analista. Lugar indiferenciante de onde ocorre o manejo das transas entre as formações. Mestre Eckhart propõe o desapego ou o desprendimento como sendo a atitude necessária para se alcançar o lugar de Deus. Ele faz a suposição de que “o desapego obriga Deus a vir a nós, pois esvaziando-se de tudo, só resta mesmo Deus”. O desapego, que significa desejar nada, pois, se mantém em si mesmo sem desejo algum de **ser**, apenas “sendo”. Por isso mesmo, o desapego está acima da caridade, da humildade e da misericórdia, que, além de serem mandamentos do cristianismo, dependem dos vínculos com as criaturas. Ao contrário, para o mestre, o desapego, seria o mais apropriado para realizar o vínculo com Deus. Diz Eckhart: “*sai totalmente de ti mesmo por Deus e para Deus, pois assim Deus sai totalmente de si próprio por e para ti. Quando ambos saem de si, o que ali permanece é um simples Um singular*” (ECKHART, 2006: 68, Sermão 5b). Ainda no mesmo sermão: “é preciso que eu e Deus sejamos um só. Um único agora, um único aqui, antes disso, o eu não pode trabalhar nem se confundir com aquele. Deus é minha existencialidade e nada mais nada menos que isso”.

Como não podemos possuir Deus, se quisermos existir integralmente precisamos encontrá-Lo em nós e recebê-Lo a cada momento e incessantemente. Deus, o supremo desprendimento (*Abegescheidenheit*), espera do homem o desapego. No entanto, como é possível vivenciar o desapego e não viver a solidão? O caminho a percorrer começa com uma tomada de consciência: “Toda nossa perfeição e toda

nossa benção dependem de ultrapassarmos e chegarmos além de toda a criaturalidade, toda temporalidade e todo ser, e adentrarmos o fundamento que não tem fundamento” (Eckhart: Sermão 80).

Mestre Eckhart tem uma só reivindicação: que o homem se posicione de acordo com o que *é* enquanto *nada* de ser, pois Deus *é* à medida do *nada* que *é*. De maneira geral, os místicos são excessivos e não têm compromisso com a ordem eclesiástica, extremam toda e qualquer situação. Logo, não pertencem a ordem alguma e suportam o nefelibato de estarem vivendo sem chão, sem fundamentos. Há que fazer um esforço enorme para vir a pensar sem chão, atectonicamente, sabendo a todo momento que está a perigo.

No caso de nosso exemplo, Mestre Eckhart, também é preciso ir além dos contrários para alcançar uma liberdade abissal, pois, para ele, o homem livre é sem ideal, sem ídolos, inclusive sem Deus. Diz ele: **“uma pessoa deve penetrar e transcender tudo que é criado e temporal e todo ser, e ir até o fundo que não tem fundo”**. Ficar vazio, sem desejos ou saberes, tal liberdade é possível? É possível manter a abertura? Eis aí o lugar do analista.

Bernard McGinn usa a expressão “mística do fundo” para designar a experiência espiritual iniciada ou redescoberta por Eckhart, seus contemporâneos e seguidores, que vê sintetizada na afirmação: “o fundo de Deus e o fundo da alma são um fundo”. “A consciência do fundo, uma forma de percepção diferente de todas as outras formas de experiência e conhecimento”. A questão fundamental de toda a prédica eckhartiana é a de reassumir esse indeclinável e irreduzível **fundo** (*Abgrund*) primeiro e

incondicionado de toda experiência possível, antecedendo e transcendendo não só a constituição do sujeito e do mundo, mas ainda a do próprio Deus enquanto tal. “A partir desse fundo íntimo, deves operar todas as suas obras, sem porquê”:

O desprendimento, porém, tão perto está do Nada que coisa alguma é sutil bastante para nele ter lugar, a não ser Deus somente. Só Ele, com efeito, é simples e sutil bastante para bem caber no coração desprendido. É por isso que o desprendido não dá acesso senão a Deus (Eckhart, 2006: 149).

O *desapego* está no coração mesmo da mística de Mestre Eckhart e é condição *sine qua non* para que possa surgir o “homem nobre, aquele que partiu para uma terra distante a fim de tomar posse de um reino” e retornar despojado das imagens mundanas. Este mesmo *desapego* não pode sobreviver sem estar articulado ao *abandono* de si, que implica o revestimento da imagem da “eternidade divina”, cuja única essência é o próprio nada. O maior obstáculo é a alma permanecer presa de sua vontade própria. A única possibilidade de Deus aí manifestar-se é o reconhecimento de uma solidão radical. Logo, podemos acrescentar que, para Eckhart, é útil renunciar tanto ao exterior quanto ao interior. Ou melhor, para ele, tal qual para a Nova Psicanálise é preciso suspender as dualidades.

Nem o Um, nem o ser, nem Deus, nem descanso, nem a bem-aventurança, nem satisfação podem ser encontrados onde são feitas distinções. Sê portanto aquele Um, para que possas encontrar Deus. E, sem dúvida, se fores inteiramente aquele Um, assim permanecerás, mesmo onde existem distinções. As coisas diferentes serão, para ti, partes daquele

Um e não mais se colocarão em teu caminho (Eckhart, 1991: 190).

Curiosamente Fernando Pessoa, em um texto intitulado *O Caminho da Serpente*, tenta descrever o “sentir tudo de todas as maneiras” e não ser nada, senão o entendimento de tudo. Para o poeta “existir, no sentido real da palavra, é ser Deus – isto é, ter-se criado a si-mesmo; em outras palavras, não depender substancialmente de nada e de ninguém”.

A Serpente é o entendimento de todas as coisas e a compreensão intelectual da vacuidade d’elas. Seguindo um caminho que não é o de nenhuma ordem nem destino, ela ergue-se à Altura que é a sua origem e evita os lugares por onde os homens passam. O entendimento de tudo, a fusão dos opostos, a ciência da indiferença do bem e do mal, a ciência da valia da emoção como emoção e da vontade como vontade, a igual ironia para com os sábios como para com os néscios. No seu culto adulteram os últimos magos, no seu nome adolesceram os primeiros (Fernando Pessoa).

Para Magno, no texto, ao propor uma razão limpa, isto é, o Inconsciente funcionando no mundo, o poeta está descrevendo a operação clínica da Nova Psicanálise que afirma o Inconsciente enquanto unário, e quando comparece divide-se em dois alelos. Por isso mesmo, diz o poeta: “ela liga os contrários verdadeiros, porque, ao passo que os caminhos do mundo são, ou da direita, ou da esquerda, ou do meio, ela segue um caminho que passa por todos e não é nenhum”. Acrescenta:

A Serpente está acima das ordens e dos sistemas, e, ainda que ascenda como o sentido d’eles, dispensa as linhas e os

caminhos. O seu movimento, para a direita na ordem inferior das coisas e dos seres, o é apenas para que possa ser para a esquerda na ordem superior d'eles. O que os homens não podem conseguir senão dominando-se, ou conjugando-se, ou impondo-se, consegue a Serpente sozinha na sua liberdade. Para ela mandar é subordinar-se á ideia de mandar; livre e cauta, ela segue rasteira através do mundo, e do espírito, até que salte do mundo e do espírito (Fernando Pessoa).

A dedicação dos místicos de retornar ao Um, ao fundamento sem fundamento, ao nada, ao vazio, sustenta o lugar do analista. Segundo a perspectiva analítica, eles mostram a diferença radical entre Ser e Haver. Não atingimos a indiferença do Haver se não nos afastamos da ordem do Ser. “É o recurso à Indiferença da última instância – que Eckhart chama de *fundo sem fundo* e que chamo de *Haver* – que permite, cada uma a seu modo, que essas práticas funcionem dentro da mesma operatividade, embora sejam de cepas, de modos de operação diferentes” (Magno, 2020: 467). Já que o sentido da análise das formações tem um único vetor: despertar a região indiferenciante da mente que corresponde a unicidade de onde o analista opera as transas das formações.

O místico, tal como o analista, ao se afastar do mundo para pensar o I-mundo (não-Haver) e a relação com o Mundo, está querendo a Identidade de todos, lá no Vínculo Absoluto. “Entendendo o processo de aproximação do Cais Absoluto; entendendo o processo de identificação de todos, de uma Vinculação Absoluta – fora do Mundo, pois não há isto no Mundo” (Magno, 2014: 142). Aí estamos no mais profundo do fundo que, de acordo com Freud: “O fundo do

homem é a pulsão, idêntica em cada um, mas com essa ideia a mais que o psiquismo primitivo é, no sentido mais pleno, imperecível” (Freud, 1974: 248). E, ao propor como ética o “*Wo Es war soll Ich werden*”, Freud também está propondo o lugar da indiferença radical em relação as formações psíquicas. Condição necessária para lidar com elas sem sintoma, pois, escolhas e preferências são sintomas.

Zhuangzi, por sua vez, sustenta que “a realização final do ser humano é a de ir além mundo, rompendo todos os ligames de dependência – materiais, emocionais, espirituais – com tudo que está fora de si” (Zhuang Zhou, 2022). Só assim obtém-se a disponibilidade que, na China, acaba por ser o próprio fundo do pensamento.

Disponibilidade enquanto resultante do exercício da postura de indiferenciação. À medida que, para estar disponível, é preciso frequentar o lugar de Haver, do Inconsciente, totalmente desprendido do Ser, separado das formações, pois o apego às formações que já foram rentáveis em algum momento da vida costuma ser muito forte. Haver: único lugar eficaz para a lida com as formações que, na verdade, não pertencem à pessoa, mas podem ser utilizadas por ela, com entendimento. Retornar ao Isso, lugar da pura articulação, quer dizer, investimos no lugar do Inconsciente enquanto fundo articulatório de tudo que há. Lugar da unicidade e da profundidade que é superior à multiplicidade. Desse lugar podemos ver o fio vermelho que sustenta toda a falação do analisando. Desse lugar, a função da formação analista, além de operar as transas das formações, seria de suspender os recalques e conduzir à Pessoa ao entendimento do juízo forclusivo.

O que deve sobrar de uma análise é: tentativa de eliminação de recalque e produção de Juízo Foraclusivo. A pessoa faz análise para tomar juízo de que há o momento em que se exclui, e quando se exclui reconhecendo o excluído, isto não é recalque. Algo recalcado retorna à revelia, e não porque foi invocado, por isso retorna refazendo sintoma, mas se for invocado, ou retornado em análise e for acolhido e entendido, deixa de ser recalcado e passa a ser apenas volitivamente excluído, julgado pelo Juízo Foraclusivo (Magno, 2007, 2005: 63).

Portanto, a função analítica de suspender e suspeitar consiste em rememorar a Experiência de Haver, não denegá-la, ao contrário, elevá-la à categoria de *primun vivere* e deparar-se com nosso desamparo abissal e, no entanto, criador. A psicanálise encontra em sua referência maior, a referência à postura de indiferenciação, o artifício por excelência para sua tarefa de articular a atenção disciplinada com o Juízo Foraclusivo. Este exercício postural tem como mérito não discriminar método algum ou técnica operacional, desde que possibilite o encaminhamento para o Absoluto.

O Juízo Foraclusivo implica escolher a função lógica de lançar mão do que foi provisoriamente excluído (Magno, 2003, 2000/2001: 153). Este juízo atesta a possibilidade de compreensão do **Revirão** como um todo. Segundo esse dispositivo, o reconhecimento do Revirão é indispensável para a Formação do analista. Cabe à função analista suspender o recalque e ativar o exercício de escolher *ad hoc* o que é conveniente na situação: eis o Juízo Foraclusivo, situação específica que possibilita a **com-sideração**.

O processo de com-sideração plena de uma formação por outra formação é condicionado pela Hiperdeterminação, já que é ela que faz do **Eu** uma operação de com-sideração. Não é o Eu que considera, mas sim, colocamos a com-sideração no lugar do eu. A operação de com-siderar não usa o expediente do recalque, ao contrário, o subtroca pelo juízo foraclusivo. Portanto, de posse do juízo foraclusivo, já que houve rememoração da experiência, suspende-se o recalque a favor da escolha pragmaticamente deliberada de qual formação usar a cada momento, a cada situação.

E o que acontece entre as mãos de Escher? O mesmo que acontece na produção de qualquer conhecimento, de qualquer tipo, nível ou valor, que são formações que produzem as formações que o produzem. Existem formações do lado de cá, nossas, que estão em transa com formações do lado de lá, seja o que forem lado de cá e de lá. As formações do lado de cá estão tentando desenhar formações que lhes parecem estar do lado de lá. Acontece que as formações do lado de lá, seja qual for sua realidade real, digamos assim, só expõem para formações que as podem considerar (Magno, 2021: 144).

Por fim, o que queremos ressaltar é a definição, ou melhor, a tomada fundamental de consciência de que a psicanálise equivale à postura, uma vez que aquilo que lhe confere soberania é a experiência de Haver e o estatuto místico. Esta origem neutra e indiferente a que se pode recorrer expõe a força de nossa presença como causa de tudo que somos ou temos. É como se a Experiência enquanto o inominável, o inefável, viesse sempre a ocupar o lugar deste suposto núcleo real que insiste em velar-se. Entretanto, a experiência, quando

rememorada revela a relatividade ficcional das formações e a presença bruta de Haver como cena viva.

Para criar, destruí-me; tanto me exteriorizei dentro de mim, que dentro de mim não existo senão exteriormente. Sou a cena viva onde passam vários actores representando várias peças (Fernando Pessoa).

Referências

ASSOUN, P-L. Freud et la Mystique in *Résurgences et dérives de la Mystique*, Gallimard, Nouvelle Revue de Psychanalyse número 22, 198.

ECKHART, Mestre. *O Livro da Divina Consolação e Outros Textos Seletos*, Petrópolis, Vozes, 1991.

FREUD, S. *Considerações atuais sobre a Guerra e a Morte*, 1974: 248. E.S O.C. Vol. XVIII).

_____. *Artigos sobre a Técnica*, 2010, O.C, Volume 10, Companhia das Letras, São Paulo

MAGNO, MD. *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*, Rio de Janeiro: outra editora, 1988.

_____. *Pedagogia Freudiana*, Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. *Ordem e Progresso*, 1983, outra editora, Rio de Janeiro, 1987.

_____. *A Psicanálise, Novamente: um pensamento para o século II da era freudiana*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

_____. *Psychopathia Sexualis*, Seminário de 1996, Santa Maria: Ufsm Editora, 2000.

_____. *Psicanálise: Arreligião*, Rio de Janeiro, NovaMente Editora, 2005.

_____. *Ars Gaudendi*, Seminário de 2003, NovaMente Editora.

_____. *Clavis Universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007.

_____. *AdRem: primeira introdução à gnômica ou metapsicologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2014.

_____. *A Rebelião dos Anjos: eleutéria e exousía*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2009.

_____. *Clownagens*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2009.

_____. *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2001.

_____. *AmaZonas*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2008.

_____. *SóPapos 2014*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2019.

_____. *SóPapos 2018*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2020.

_____. *SóPapos 2012*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2021.

_____. *SóPapos 2018*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2020.

_____. *SóPapos 2019*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2021.

MCGINN, Bernard. *The Mystical Thought of Meister Eckhart: the man from whom God hid nothing*, New York, 2001.

PESSOA, Fernando, *Livro do Desassossego*, Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 1997.

Zhuang Zhou, *O imortal do Sul da china: uma leitura cultural do Zhuangzi*, Unesp, 2022.